


Violência de gênero: Aspectos da história recente

 <https://doi.org/10.56238/sevened2023.002-007>

Márcia Cristina Braga Nunes Varricchio

Pós-Doutorado em Propriedade Intelectual do
Conhecimento Étnico Tradicional Brasileiro (INPI).

Mestre em Atenção Psicossocial - Laboratório de
Estudos dos Processos de Envelhecimento (PROVE) –

MEPPSO do Instituto de Psiquiatria da Universidade do
Brasil - IPUB/UFRJ/Brasil.

Preceptor do Serviço de Homeopatia da 7ª Enfermaria da
Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro/Brasil.

E-mail: varichio2@gmail.com

RESUMO

Mulheres e comunidade LGBTQIAPN+ possuem suas próprias vozes. Homens possuem força, mas talvez ainda não tenham voz. Em um olhar de trezentos e sessenta graus, compreendemos que foram diferentes tipos de infortúnios vivenciados desde a Segunda Guerra Mundial. Existe a necessidade de rememorar e de apresentar circunstâncias históricas, de um passado recente, para tentar gerar sensibilização quanto à liberdade de ser e de estar, de ir e vir, a fim possibilitar a transformação em nível local. Incrementar condições de dignidade e de equidade nas áreas de saúde, bioética, da educação voltada para o desenvolvimento da competência cultural. As demandas em saúde pública e de políticas públicas são inúmeras, apenas neste recorte de grupo, onde discute-se violência de gênero. Entretanto é o amor que poderá transformar, pacificando comportamentos rumo a novas e melhores atitudes em sociedade em uma perspectiva global.

Palavras-chave: Gênero, Período nazista, Violência, Reparação psíquica, Competência cultural.



1 INTRODUÇÃO

Antes da Alemanha nazista, o estatuto do código penal alemão continha o parágrafo 175 que proibia relações sexuais entre homens. Durante o período nazista, a polícia prendeu cerca de 100 mil homens por "supostamente" violarem esse estatuto. Aproximadamente 50% deles foram condenados. Em alguns casos, isso levou à prisão em campos de concentração (USHMM).

É importante notar que nem todos os homens presos e condenados usando o parágrafo 175 se identificaram como gays. No entanto, qualquer homem que tivesse relações sexuais com outro homem poderia ser preso na Alemanha nazista, independentemente de como ele entendia sua própria sexualidade. Outros fatores também moldaram a vida dos gays durante a era nazista. Estes incluíam suposta identidade racial, atitudes políticas, classe social e expectativas culturais sobre como homens e mulheres deveriam se comportar (ou seja, normas de gênero) (STEINWEIS, 2017).

Os nazistas consideravam os não-arianos como "racialmente inferiores" e nisso contavam com o apoio de muitos alemães, não necessariamente nazistas, que tinham preconceito social contra grupos étnicos, partidos políticos, classes sociais. As autoridades alemãs também os submeteram a prisões arbitrárias, trabalho escravo e assassinatos em massa, em diferentes territórios fora da Alemanha e em campos de concentração (USHMM).

O chefe de polícia alemão Heinrich Himmler, um conhecido homofóbico, via tanto a homossexualidade quanto o aborto como ameaças à taxa de natalidade alemã e, portanto, ao destino desejado do povo alemão (USHMM).

2 OBJETIVO

Registre relatos de uma trajetória histórica durante o nazismo que impacta discursos sobre gênero na sociedade até a contemporaneidade.

3 METODOLOGIA

Estudo de revisão bibliográfica.

4 RESULTADOS

4.1 VIOLÊNCIA ESTRUTURAL DURANTE O NAZISMO

A partir de uma revisão da literatura, verifica-se que durante o período nazista as qualidades humanas foram desconsideradas (LANGER, 1978 em 2018), incitando todo o horror perpetrado:

"[...] O credo judaico-cristão
com sua ética afeminada da compaixão.
Se um povo quer se tornar livre, ele vai precisar [...] de ódio, ódio e, novamente, ódio.
A brutalidade é respeitada. [...] O homem comum só respeita



força bruta e brutalidade.
(LANGER, 1978 em 2018)

Esse descaso com o que faz parte da humanização e das etapas de amadurecimento da vida é mostrado no Hino da Juventude Hitlerista:

"Os ossos enferrujados tremem
Da terra antes do embate sagrado.
Jogue fora dúvidas e incertezas!
Ao assalto! Vamos vencer!
Não há objetivo mais luminoso e bonito!
Vamos despedaçar o mundo!
Hoje a Alemanha nos pertence,
Amanhã vamos conquistar
a Terra inteira!
HINO DA JUVENTUDE HITLERISTA.
(Edições de Melhoramento. 1972).

Pesquisadores médicos da polícia das SS designados para o complexo de Auschwitz, como o capitão Dr. Josef Mengele, receberam autorização para escolher cobaias humanas entre os prisioneiros daquele complexo, para experimentos médicos pseudocientíficos, iniciados com "homossexuais". Outros campos de concentração alemães Ravensbrück, Natzweiler-Struthof e Sachsenhausen também realizaram pesquisas ou em institutos próximos (USHMM).

Alguns sobreviventes dessa série de horrores são idosos. Além dos traumas, carregam sequelas orgânicas, tanto pela soma das experiências atrozmente vividas. De fato, em alguns casos, todo horror lembrado ainda os mantém reféns e continua a exercer um poder nefasto sobre eles. Não as permite, ou então serve como obstáculos para a superação de experiências cruéis psicológicas e emocionais em campos de concentração (VARRICCHIO, 2023).

Por outro lado, a desconstrução consumada desses seres humanos nesse período nos ensina muito sobre a psicopatologia e os caminhos que podem ser tomados para que eles não continuem dando poder àquilo que os prejudicou e pode prejudicá-los até hoje, quando retornam sob a influência de pensamentos intrusivos, pesadelos e perda de apetite pela vida (VARRICCHIO, 2023a).

5 VIOLÊNCIA DE GÊNERO

5.1 MULHER

As leis de separação racial proibiam as relações entre alemães e "não-arianos". De acordo com essa disposição, qualquer pessoa que tivesse relações sexuais com um homem ou uma mulher alemã, ou que se aproximasse deles de qualquer outra forma inadequada, era punida com a morte pela Gestapo, que também incentivava civis a participar de espetáculos públicos de punição que serviam de exemplo para outros (USHMM).

Foi documentada a humilhação pública ritual de um jovem casal - na região da Polônia anexada - que "supostamente" violou as leis de separação racial. Os dois desfilaram pelas ruas da cidade descalços e de mãos atadas. Eles foram forçados a usar cartazes com os dizeres: "Eu sou um traidor alemão" e "Eu sou um porco polonês", e seus cabelos foram cortados. Em seguida, foi obrigada a incendiar uma pilha de seus próprios cabelos, com relatos da presença de um público arrebatado pelo prazer da subjugação pública e da opressão coletiva, autorizada e até incitada.

As prisioneiras morreram durante os primeiros meses de prisão devido à falta de comida adequada, combustível para aquecimento, abrigo e remédios. Após repetidos estupros das mulheres presas, os soldados cometeram extermínios em massa de mulheres judias e ciganas no campo de concentração de Auschwitz. Especialmente aquelas que não conseguiram abortar quando engravidaram. (USHMM).

Há dificuldade de acesso às fontes para melhor documentação e reflexão, principalmente devido à dor e vergonha psíquica (USHMM).

5.2 LGBTQIAPN+

Em meados do século 19, havia sinais de que as comunidades gays na Alemanha estavam ganhando força. Termos como "orientado para o mesmo sexo", "homosexuell" (1869), "terceiro sexo", "gay" tornaram-se populares. A Alemanha esteve na vanguarda desta evolução, principalmente devido aos debates sobre o nº 175. O parágrafo 175 era o estatuto do código penal alemão que proibia as relações sexuais entre homens, promulgado em 1871 após a unificação do Império Alemão e a afirmação do direito alemão (USHUM).

No período correspondente à transição entre a Primeira Guerra Mundial e o nazismo (1918-1933), conhecido como República de Weimar, como parte das transformações culturais e sociais da época, os alemães desafiaram publicamente as normas de gênero e sexuais. Sexo e sexualidade se tornaram pontos de discórdia na política e na cultura. Entre os apoiadores estavam o Comitê Científico Humanitário e a Liga dos Direitos Humanos. Eles cooperaram com outros grupos reformistas que defendiam novas abordagens legais para prostituição, controle de natalidade e aborto. Mas nem todos os grupos que defendem a descriminalização tinham a mesma perspectiva política (USHMM).

Nem todos os alemães gostavam de discussões públicas sobre sexo. Eles viam essas discussões como parte das tendências decadentes e degeneradas, excessivamente permissivas e imorais que acreditavam caracterizar a cultura de Weimar. Vários grupos políticos de direita e centro, e organizações religiosas tradicionais, procuraram promover sua própria versão da cultura alemã, enraizada na música e literatura tradicionais, religião e família. Em alguns casos, eles culpavam judeus e comunistas por corromper a cultura alemã (USHMM).



A plataforma do Partido Nazista de 1920, que se concentrou em questões como judeus, economia e a criação de um Estado da Grande Alemanha. Em termos de política jurídica relacionada ao código penal alemão, o Partido Nazista se opôs aos esforços para descriminalizar as relações sexuais entre homens e revogar o parágrafo 175. Eles afirmavam que as relações sexuais entre homens eram um vício destrutivo que levaria à ruína do povo alemão e que eles deveriam ser punidos ainda mais severamente do que a lei alemã permitia na época. Havia homens gays bem conhecidos no movimento nazista, mais notavelmente Ernst Röhm, líder da SA, um paramilitar nazista violento e radical. Em seu entendimento, legalizar as relações sexuais entre homens tratava de derrubar a moralidade dominante (USHMM).

A sexualidade de Röhm não era segredo no Partido Nazista, que se transformou em um escândalo público em 1931. Um jornal de esquerda expôs Röhm como gay. Sua sexualidade foi usada na propaganda eleitoral do Partido Social Democrata de esquerda moderada. Apesar da controvérsia, Hitler o defendeu e ele permaneceu no comando da SA até que Hitler o assassinou em 1934 (HANCOCK, 1998).

Os nazistas chegaram ao poder em 30 de janeiro de 1933. Em maio de 1933, os nazistas vandalizaram o Instituto de Ciência Sexual de Magnus Hirschfeld e o forçaram a fechar. Parte dessa ação incluiu a destruição dos escritos (USHMM).

Os nazistas usaram novas leis e práticas policiais para prender e deter, sem julgamento, um número limitado de homens gays no final de 1933 e início de 1934 para reduzir a criminalidade. Instruiu a polícia a prender pessoas com condenações anteriores por crimes sexuais (atos libidinosos, relações sexuais com menores e incesto). Esses crimes presentes na sociedade foram definidos nos parágrafos 173-183 (USHMM).

No outono de 1934, a Gestapo (polícia política) de Berlim instruiu as forças policiais locais a enviar-lhes listas de todos os homens que acreditavam ter se envolvido com pessoas do mesmo sexo ("listas rosas"), mantidas em várias partes da Alemanha por muitos anos. Três eventos nos anos 1934-1936 radicalizaram a campanha do regime nazista contra a homossexualidade e levaram à opressão mais sistemática dos gays (USHMM).

O primeiro foi o assassinato de Ernst Röhm e outros líderes da SA entre junho e julho de 1934 como parte de uma luta pelo poder nos mais altos níveis do governo alemão e do Partido Nazista, o partido da lei e da ordem, para ajudar a justificar os assassinatos, ao fazê-lo eles se aproveitaram de grande parte do preconceito da população alemã (USHMM).

Em segundo lugar, em junho de 1935, eles revisaram o parágrafo 175, e uma ampla gama de comportamentos íntimos e sexuais poderiam ser, e foram, punidos como ferramentas legais criminosas e necessárias para processar e perseguir homens em número muito maior (USHMM).



Em 1936, o líder da SS e chefe de polícia alemão Heinrich Himmler estabeleceu o Departamento Central do Reich para o Combate à Homossexualidade e ao Aborto, que fazia parte da Kripo (polícia criminal) e trabalhava em estreita colaboração com a Gestapo (polícia criminal política). Os infratores "homossexuais" eram, portanto, criminosos e inimigos do Estado. Identificá-los era necessário para a proteção, fortalecimento e proliferação do povo alemão. Ele dirigiu uma campanha contra a homossexualidade por meio de invasões, denúncias e métodos duros de interrogatório e tortura para rastrear e prender homens que "acreditavam" ter violado o parágrafo 175. As incursões foram exposições públicas e de alto nível da campanha nazista. Eles ameaçaram e intimidaram comunidades inteiras (USHMM).

Kripo e a Gestapo se basearam em dicas ou reclamações do público para coletar informações sobre a vida íntima dos homens e descobrir possíveis violações da lei. Um vizinho, conhecido, colega, amigo ou familiar pode informar a polícia sobre suas suspeitas. A linguagem usada nas denúncias deixava claro que esses alemães tendiam a concordar com as atitudes nazistas, referindo-se aos acusados como "afeminados", "não masculinos" e "perversos". As denúncias foram uma ferramenta muito eficaz de repressão, talvez resultando em milhares de prisões e condenações. Durante os interrogatórios, que muitas vezes eram física e psicologicamente brutais, a polícia muitas vezes insistia em confissões completas, incluindo os nomes de seus parceiros sexuais (USHMM).

No final de 1933, os tribunais podiam ordenar a castração obrigatória para certos agressores sexuais. Pelo menos inicialmente, os homens presos não podiam ser castrados sem seu suposto consentimento. Então, eles tinham a liberação antecipada garantida se oferecessem para serem castrados (USHMM).

Desses presos, nem todos se identificaram como gays. De acordo com o sistema de classificação de prisioneiros, esse grupo era obrigado a usar um triângulo rosa em seus uniformes dos campos de concentração. Em Buchenwald, eles foram submetidos a experimentos médicos desumanos. A partir de novembro de 1942, os comandantes dos campos de concentração tinham oficialmente o poder de ordenar a castração forçada dos prisioneiros do Triângulo Rosa (USHMM).

Temendo a culpa por associação, outros presos já preconceituosos evitaram os presos do triângulo rosa. A posição tipicamente isolada desses prisioneiros tornava sua sobrevivência muito mais difícil. No entanto, os gays categorizados pelo regime nazista como arianos tinham muito mais opções do que aqueles categorizados como judeus, que acima de tudo enfrentavam perseguição por motivos raciais (USHMM).

A memória da perseguição nazista aos homossexuais chamou a atenção da comunidade na década de 1970, quando grandes movimentos de direitos se desenvolveram. A conscientização dos homossexuais como uma categoria separada de vítimas do nazismo começou nos Estados Unidos e

mais tarde foi adotada por ativistas homossexuais alemães. Assim, logo após o termo "Holocausto", o termo "Homocaust" também passou a ser usado (WIKIPEDIA).

Foi apenas em 1985 que a perseguição nazista aos homossexuais foi oficialmente reconhecida pela primeira vez em um discurso do presidente da Alemanha Ocidental. Em 2002, a Alemanha anulou os julgamentos da era nazista sob o parágrafo 175 e, em 2017, as vítimas receberam indenizações. Os julgamentos e indenizações de 2017 foram estendidos a homens que foram condenados depois de 1945, tornando este o único caso em que o Estado alemão ofereceu reparações por atos que não foram considerados "injustiça nazista típica" e que não teriam sido possíveis em um Estado democrático.

6 DISCUSSÃO

Sabe-se que a repressão anti-homossexual tinha como objetivo agradar aos apoiantes conservadores dos nazis que os colocaram no poder, bem como aos eleitores socialmente conservadores. Heinrich Himmler, descrito pelo historiador Nikolaus Wachsmann (2015) como "um dos homofóbicos mais obsessivos" do governo nazista, tornou-se comandante da SS, da Gestapo e do sistema de campos de concentração nazistas, tornando-se o segundo homem mais poderoso do mundo. Alemanha nazista.

Devido à dificuldade em identificar homossexuais, alguns departamentos de polícia recorreram a ligar para classes inteiras de adolescentes e questioná-los sobre suas experiências sexuais, aumentando assim o número de acusações de homossexualidade até 1939, representando 23,9% das acusações. Promotores e juizes e outros envolvidos nos casos citaram cada vez mais a ideologia nazista para justificar punições severas, adotando a retórica do regime de "erradicar a praga da homossexualidade". Após 1937, aqueles considerados culpados de seduzir outros para a homossexualidade foram confinados em campos de concentração (STEINWEIS, 2017; WIKIPÉDIA).

Antes da guerra, os homossexuais recebiam reeducação e, se isso falhasse, podiam ser dispensados e presos em um campo de concentração durante seu período de serviço militar obrigatório. Sob as exigências de mão-de-obra da guerra, considerou-se necessário recrutar todos os homens disponíveis e enviá-los para o front (USHMM).

Em 1943, Himmler, que acreditava que o exército não era rigoroso o suficiente em relação à homossexualidade, exigiu um sistema de classificação que enviasse criminosos homossexuais "incorrigíveis" para campos de concentração. Os nazistas foram influenciados por ideias anteriores que confundiam homossexualidade, abuso sexual infantil e "sedução da juventude". Antes do nazismo, havia uma crença generalizada de que a homossexualidade não era inata, mas sim algo que poderia ser adquirido e difundido. Assim, elas estavam particularmente preocupadas em não permitir que suas organizações exclusivamente masculinas, como a Juventude Hitlerista, SS e SA, fossem vistas como centros de "recrutamento" homossexual (SEIFERT, 2003; STEINWEIS, 2017).

A retórica descrevia a homossexualidade como uma doença contagiosa, mas não no sentido médico. Em vez disso, a homossexualidade era considerada uma doença do Volkskörper (corpo do povo), uma metáfora para a comunidade nacional ou racial desejada (USHMM; SEIFERT, 2003).

Em 1937, uma manchete da revista SS Das Schwarze Korps declarou os homossexuais "inimigos do Estado", explicando que eles deveriam ser erradicados porque "... eles formam um Estado dentro do Estado, uma organização secreta que vai contra os interesses do povo. Os homens homossexuais também foram considerados negligentes em seu dever de repovoar a nação alemã após a Primeira Guerra Mundial e criar filhos que poderiam ser recrutados para o exército para lutar nas guerras planejadas por Hitler (SEIFERT, 2003).

Em 1937, Himmler fez um discurso sobre homossexualidade baseado no livro de 1927 *Erotismus und Rasse* de Herwig Hartner, que afirmava que a homossexualidade era um complô judaico contra a Alemanha. A homossexualidade poderia levar ao fim da Alemanha e causar despovoamento, reduzindo o número de homens disponíveis para reprodução (SEIFERT, 2003).

Os nazistas distinguiam entre homossexuais congênitos, que exigiriam prisão permanente, e outros que haviam praticado a homossexualidade, mas acreditava-se que seriam curados com uma breve estadia em um campo de concentração ou tratamento psiquiátrico. Distinguir entre essas categorias foi uma dificuldade, especialmente depois que muitos casos de homossexualidade surgiram na SS supostamente racialmente pura (SCHECK, 2020).

O Instituto Göring oferecia tratamento aos homossexuais encaminhados pela Juventude Hitler e outras organizações nazistas; até 1938, afirmava ter mudado a orientação sexual dessas pessoas. Houve também o incentivo a relacionamentos heterossexuais, incluindo sexo extraconjugal, para pessoas consideradas racialmente desejáveis (SCHECK, 2020).

Como o discurso sempre foi adotado de forma preconceituosa, mesmo que o ato sexual fosse realizado entre duas pessoas de forma consensual, cínica, os homossexuais sempre foram culpabilizados. Enquanto ações chatas e acusações cruéis de homossexualidade às vezes eram usadas até mesmo contra pessoas que não eram gays. O ministro da propaganda nazista Joseph Goebbels comentou (SCHECK, 2020):

"Quando Himmler quer se livrar de alguém, ele simplesmente acusa o §175."

A polícia informou à família do detento o motivo de sua prisão (homossexualidade). Com uma condenação, a vítima poderia esperar uma interrupção completa de sua vida, incluindo perda de casa e emprego, expulsão de organizações profissionais e revogação de prêmios e doutorados. Aqueles considerados inaptos para o julgamento foram confinados em hospitais psiquiátricos (SCHECK, 2020). Em outras palavras, a intenção era destruir a vida da pessoa e sua memória em sociedade.

Nas prisões, enquanto alguns oficiais construíam pequenas celas para manter os prisioneiros homossexuais isolados, outros oficiais distribuía homossexuais entre a população carcerária em geral e incentivavam a "homofobia brutal" para isolá-los. Os presos homossexuais podiam ser identificados por sublinhado vermelho em suas etiquetas de identificação (SEIFERT, 2003; NEWSOME, 2022).

O triângulo rosa chamou a atenção para essa população carcerária como um grupo distinto dentro do sistema de campos de concentração. Eles estavam entre os grupos mais abusados nos campos. Designados para os trabalhos mais extenuantes e exigentes do sistema de trabalho do campo, eles eram frequentemente submetidos a abusos físicos e sexuais por guardas do campo e outros detentos. Em alguns casos, foram espancados e humilhados publicamente (USHMM; NEWSOME, 2022).

Em 1943, o chefe da Gestapo defendeu uma lei de castração involuntária para homossexuais e agressores sexuais, mas retirou esse pedido porque acreditava que a Gestapo poderia garantir que as castrações fossem realizadas onde quisesse. Um número significativo de homens homossexuais e bissexuais, e aqueles perseguidos, cometeram suicídio. Os guardas das SS assassinavam prisioneiros homossexuais por crueldade ou durante jogos sádicos, disfarçando as mortes como causas naturais (HANCOCK, 1998; MURPHY, 2017; CROUTHAMEL, 2018).

Os prisioneiros homossexuais eram um alvo favorito dos experimentos humanos nazistas durante os últimos anos do regime nazista. Os experimentos mais conhecidos foram tentativas de mudar a orientação sexual dos prisioneiros implantando uma pelota que liberava testosterona. A maioria das vítimas, prisioneiros não consentidos em Buchenwald, morreu logo depois. Prisioneiros homossexuais e judeus também receberam tratamentos experimentais para tifo em Buchenwald, para queimadura de fósforo em Sachsenhausen, e foram usados para testar ópio e Pervitin (uma metanfetamina). Alguns prisioneiros homossexuais foram castrados (WEINDLING, 2015).

Em agosto de 1941, Hitler argumentou que a homossexualidade na Juventude Hitler deveria ser punida com a morte. Himmler redigiu um decreto que previa a pena de morte para qualquer membro da SS ou da polícia considerado culpado de se envolver em um ato homossexual. Em um mês, uma nova lei permitiu a execução de criminosos sexuais perigosos e criminosos habituais para a proteção do corpo alemão ou para a necessidade de expiação justa" (MICHELER, 2002).

A maioria das mulheres e homossexuais, especialmente aqueles que evitaram a prisão, nunca falaram sobre suas experiências. Fontes que atestem a perseguição nazista aos homossexuais são escassas. Os nazistas destruíram um grande número de registros, incluindo o arquivo do Escritório Central do Reich para o Combate à Homossexualidade e ao Aborto. As fontes restantes são principalmente registros policiais e judiciais (USHMM).

A Revista Le Bitoux (2002) destacou que a grande diversidade de presos homossexuais, tanto em termos de gerações, trajetórias e origens sociais, gerou uma falta de solidariedade entre eles, uma

falta de autodefesa coletiva, resposta que ocorreu espontaneamente entre famílias polonesas, ciganas ou judeus e cita Primo Levi (ELÍDIO, 2010).

Como lembra o escritor judeu italiano Primo Levi, sobrevivente de campos de concentração (1998): "Os campos eram formados por redes de acordo com diferentes afinidades, às vezes políticas, o que reduzia um pouco o isolamento e a dureza da vida cotidiana. Não fiz parte de nenhuma dessas redes de solidariedade. Com minha faixa azul (equivalente à rosa N.A.), rapidamente compreendida por meus companheiros de infortúnio, tive consciência de que não tinha nada a esperar deles:

"Crime sexual é
um custo adicional
na identidade prisional".
(LEVI, 1998).

Eu (Primo Levi) pude verificar isso mais tarde, quando passei um tempo visitando uma prisão em Rouen:

"No mundo dos presos,
Eu era um elemento
completamente desprezível,
um detalhe ameaçado de ser
sacrificados em todos os momentos,
sem alma,
de acordo com requisitos aleatórios
dos nossos presos".
(LEVI, 1998).

A pensadora em filosofia política, Hannah Arendt, em *Origens do totalitarismo* (1989), diz que uma das características fundamentais e predominantes do governo totalitário é a instituição de campos de concentração, nos quais ocorre a degradação total da identidade humana, lugares onde "tudo era permitido" sob o domínio daqueles que permaneciam no poder absoluto, aqueles considerados superiores.

Os indivíduos que vivenciaram essa experiência passaram pela aniquilação e perda de sua identidade.

"[...] O verdadeiro horror
campos de concentração e extermínio
reside no fato de que o interno,
mesmo que consigam se manter vivos,
ficar mais isolado do mundo dos vivos
do que se tivessem morrido,
porque o horror nos obriga a esquecer"
(ARENDR, 1989, p. 493).

O "inferno", no sentido mais liberal, é representado por aquele tipo de campo que os nazistas aperfeiçoaram e onde toda a vida foi organizada, completa e sistematicamente, para causar o maior tormento possível (ARENDR, 1989).



"[...] como se o que lhes acontecesse não podia interessar a ninguém, como se já estivessem mortos e algum espírito maligno, tomados por alguma loucura, brincar com a suspensão por um determinado período de tempo entre a vida e a morte, antes de admiti-los na paz eterna" (ARENDDT, 1989, p. 496).

Na Alemanha, "[...] criminosos, políticos, elementos antissociais (homossexuais e criminosos sexuais N.A.), criminosos religiosos e judeus eram enviados para campos de concentração, cada um com suas insígnias diferentes" (ARENDDT, 1989, p. 500). O que esses critérios tinham em comum era a destruição do corpo humano e dos direitos humanos, para a dominação total:

"O objetivo do sistema arbitrário é destruir os direitos civis de toda a população, que você vê, afinal, Portanto, proíba em seu próprio país como apátridas e refugiados. A destruição dos direitos de um homem, o falecimento de sua pessoa jurídica, é a condição primária para que seja completamente dominado. E isso não se aplica apenas a essas categorias especiais, como criminosos, opositores políticos, judeus, homossexuais (com quem foram feitas as primeiras experiências), mas a qualquer habitante do Estado totalitário". ARENDDT (1989, p. 500)

O autor coloca o consentimento livre como evidência de antagonismo à opressão (ARENDDT, 1989, p. 500):

"Livre consentimento é um obstáculo à dominação total, como é livre a oposição. Prisão arbitrária quem escolhe pessoas inocentes destrói a validade do livre consentimento, da mesma forma que a tortura em oposição à morte – destrói a possibilidade de oposição". ARENDDT (1989, p. 500)

O terror é visto como um instrumento do regime nazista. Ao lançá-la sobre o indivíduo, o regime acaba por retirar a pessoa de sua vida social, dos demais ao seu redor, aniquilando a pluralidade, que a põe fim (ARENDDT, 1989).

"Quando você entrou nos campos de concentração, foram deixados para trás sonhos, planos, metas.



Enfim, o sujeito foi obrigado a esquecer
vida privada e pública.
Os corpos foram marcados
e chamado a esquecer os espaços públicos
e liberdade pessoal.
O terror entrou na alma dos que foram levados
para estes espaços
e assim,
Começou a fazer parte do seu dia a dia."
ARENDT (1989, p. 500)

Para ARENDT (1997, p. 17) é através da pluralidade que há liberdade, conquistada na política através do pensamento no plural constituído por outros "eus", entre atos e palavras. O horror e a crueldade estiveram presentes em todos os momentos, tendo como referência básica o ato de degradar o ser humano (DUARTE, 2000).

"[...] era justamente para reduzir o homem
ao seu menor denominador comum natural,
privando-o de seus direitos políticos,
deportá-lo e
aprisionando-o em laboratórios infernais,
e depois simplesmente dizimá-lo."
ARENDT, 1989 In ANDRÉ DUARTE (2000, p. 47-48)

Para Arendt (1989), nos campos, "[...] a produção selvagem em massa de cadáveres é precedida pela preparação, histórica e politicamente inteligível, de cadáveres vivos" (ARENDT, 1989, p. 498).

"Os campos de concentração,
tornando a própria morte anônima
e impossibilitando o conhecimento
se um prisioneiro está vivo ou morto,
roubou o significado da morte
do resultado de uma vida plena.
De certa forma,
roubou a própria morte do indivíduo,
provando que, a partir de agora,
Nada – nem mesmo a morte – lhe pertencia
e que não pertencia a ninguém.
A morte só selou o fato
que ele nunca existiu".
ARENDT (1989, p. 503)

Os nazistas pretendiam criar uma nova espécie humana que não existia, a ponto de relacioná-la com outras espécies animais. Sobre a degradação do ser humano nos campos de concentração, a professora Hannah Arendt (1989, p. 449) afirma:

"Os campos não se destinam apenas
exterminar pessoas e
degradar os seres humanos,
mas também servem ao
experiência chocante de eliminação,
em condições cientificamente controladas,
da própria espontaneidade



como expressão da conduta humana e
da transformação da personalidade humana
em uma coisa simples,
em algo que nem mesmo as animas são."
ARENDT (1989, p. 449)

Sobre a perda de direitos, dignidade e status como pessoas, ela comenta:

"Isso só poderia acontecer porque
direitos humanos
apenas formulado, mas
nunca filosoficamente estabelecido,
apenas proclamado, mas
nunca garantido politicamente,
Perderam,
na sua forma tradicional,
validade plena"
(ARENDT, 1989, p. 498).

Destruir a individualidade é destruir a espontaneidade, a capacidade do homem de começar algo novo com seus próprios recursos, algo que não pode ser explicado com base na reação ao ambiente e aos fatos. Uma vez morta a individualidade, nada resta senão fantoches horríveis com rostos humanos, todos com o mesmo comportamento do cão de Pavlov, todos reagindo com perfeita previsibilidade, mesmo quando marcham para a morte (ARENDT, 1989, p. 506).

"os judeus [...] e outros]
que conseguiu sair vivo
desta catástrofe
levarão para o resto de suas vidas
as consequências da tragédia ocorrida.
(ARENDT, 1989, p. 492).

A experiência nos campos de concentração transforma o ser humano em uma espécie de desperdício, de modo que sua liberdade moral e sua conduta de ser povo se extinguem, de forma a destruir sua individualidade, como refletido anteriormente por ARBEX (2013) e FELIZARDO & DE OLIVEIRA (2017) comparando essa situação ao confinamento de pacientes psiquiátricos submetidos a condições terríveis.

Como mostram os relatos de filósofos e vítimas, os perfis de personalidade nazistas exibem uma condição de relações objetais e um processo de desumanização, sem afeto ou discernimento. Impuseram o "concreto" de forma brutal. Ensinarão seus jovens a delatar, a tratar os outros como algo inútil (consequentemente, se permitindo ser tratados assim no futuro, invertendo o papel).

Comprometeram esses jovens, iludidos com o poder, em seu processo de se tornarem pessoas, infantilizando-os e reduzindo-os a instrumentos para a execução de medidas nazistas. Assim, imprimiram a hipocrisia, a corrupção do afeto (reduzindo a sexualidade ao sexo) em suas almas. Ao interferir, minavam a espontaneidade saudável.



Dessa forma, pouco a pouco, o que era perverso foi adotando o discurso da pureza. A perversão foi disseminada de forma sofisticada, iniciando um círculo vicioso: de manipulação, uso de objetos, prisões combinadas, suposta inocência, traição com humilhação e exposição do outro, recompensa com obtenção de tolerância e favores, manutenção do status quo atual, nova manipulação de pessoas.

Estes jovens foram privados da alegria do encontro humano. Será que eles terão conseguido em algum momento?

Além disso, os campos de concentração eram vistos por Arendt como algo mau, não no sentido religioso e moral, mas do ponto de vista da análise política. É possível perceber esse mal, que Hannah Arendt destacou durante o interrogatório ocorrido em Jerusalém, para o qual foi enviada pela revista *The New Yorker*, com o objetivo de cobrir o julgamento de Eichmann, que atuou como oficial nazista no sistema totalitário. O ex-agente oficial era um homem normal, um homem de família, e não apresentava sinais de qualquer doença psicológica; no entanto, cometeu atos catastróficos. Levou milhares de judeus à morte, responsáveis pelo transporte de judeus em carroças para campos de concentração (SOUKI, 1998, p. 18).

A "não carente" e pensante Arendt analisa que esse "mal" está relacionado à sua "incapacidade de pensar", pois é o que ela chamará de "banalidade do mal". Ela também notou que Eichmann estava tomado por seus clichês. Em suma, ele era um burocrata nazista; cumpriu as ordens que lhe foram prescritas (SOUKI, 1998, p. 18).

A brilhante visão política de Hannah Arendt descreveu habilmente o sofrimento social imposto pela interferência e promiscuidade nazistas na sociedade judaica e alemã, em outros países invadidos pela barbárie e no mundo. De certa forma, esse tipo de pensamento ainda interfere nos aspectos de gênero, o que compromete o avanço das políticas públicas em muitos países. Por isso, foi necessário abordar esse período histórico. Lembre-se para não repetir.

O sofrimento moral e psicológico das pessoas é perceptível através do contundente relato do escritor Primo Levi (1919-1987), deportado para o campo de extermínio de Auschwitz, no início de 1944:

[...] "A desumanização total do outro.
Vivemos meses
ou até anos
Em um nível animalesco:
nossos dias haviam sido devastados,
do amanhecer até a noite,
pela fome, pelo cansaço,
pelo frio, pelo medo,
e o espaço para pensar,
raciocinar, ter afeto,
foram anulados".
(LEVY, 1998, p. 42).

Primo Levi pondera:
"Toleramos a sujeira,



promiscuidade e miséria,
sofrendo com eles muito menos
do que sofreríamos na vida normal,
porque a nossa métrica moral tinha mudado."
(LEVY, 1998, p. 42).

Relata a perda deles, dos presos e, por fim, de toda a sociedade da época, aprisionada por valores equivocados:

"Esquecemos
não só o nosso país e a nossa cultura,
mas a família, o passado,
o futuro que propusemos,
porque, como os animais,
ficamos restritos ao momento presente."
(LEVY, 1998, p. 42).

Lembre-se dos primeiros passos para a perda da identidade:
"A primeira coisa que acontece
quando você entra
um campo de concentração
é o confisco da identidade:
o nome do indivíduo é completamente excluído
e ele começa a ser chamado por um número.
Então, suas roupas, objetos pessoais,
tudo o que lhe pertence é tirado.
De alguns, tira-se a vida,
a alma, o sorriso,
a dignidade
e o desejo de viver.
(LEVI, 1998)

O sobrevivente Primo Levi lembra que, na maioria dos casos, o tempo de libertação dos campos de concentração não foi nem alegre nem despreocupado. O sentimento de vergonha ou culpa que coincidia com a reconquista da liberdade era altamente complexo: continha elementos diferentes e em proporções diferentes para cada indivíduo. Ao sair da escuridão, sofreu-se devido à consciência recuperada de ter sido aviltado. Nem por vontade, nem por pusilanimidade (covardia N.A.), nem por culpa, vivemos meses ou anos em nível animalesco (LEVI, 2004, p. 65 In ELÍDIO, 2010).

Em geral, soava como um contexto trágico de destruição, massacre e sofrimento. Naquele momento, em que nos sentimos novamente homens, isto é, responsáveis, voltaram as angústias dos homens: a angústia da família dispersa ou perdida; da dor universal ao redor; do próprio cansaço, que parecia definitivo, não mais remediável; da vida sendo reiniciada em meio a ruínas, muitas vezes sozinha. (...) (LEVI, 2004, p. 61).

Primo Levi constata que aqueles que vivenciam o encarceramento (e, de modo muito mais geral, todos os indivíduos que passaram por experiências severas) são divididos em duas categorias: os que permanecem em silêncio e os que falam. Ambos obedecem a razões válidas: silenciam aqueles



que experimentam mais profundamente um desconforto que, por simplicidade, chamei de "vergonha", aqueles que não se sentem em paz consigo mesmos ou cujas feridas ainda doem (LEVI, 2004, p.127).

Falam, e muitas vezes falam muito, outros, obedecendo a diferentes impulsos. Falam porque, em vários níveis de consciência, percebem o encarceramento (ainda que já distante) como o centro de sua vida, acontecimento que marcou toda a sua existência para o bem e para o mal (LEVI, 2004, p.127).

"Eles falam porque
saber ser testemunha
de um processo
dimensão planetária e secular"
(LEVI, 2004, p.127).

Uma reflexão exemplificada pelo caso de Pierre Seel. No início, após sua soltura, permaneceu em silêncio, devido à sua vergonha e ao silêncio imposto pela sociedade, pois não foi convidado a falar por muito tempo, mesmo na esfera mais privada, por sua própria família, exceto com sua mãe. Assim, isolou-se, entregando-se à autocensura, ao silêncio e à solidão (ELÍDIO, 2010).

No caminho para casa, [Seel] pensou com angústia sobre como sua família reagiria, que havia descoberto sua homossexualidade como resultado de seu encarceramento. Afinal, eles haviam descoberto com os nazistas, não com o próprio Seel. Católicos e preocupados com sua boa reputação, como meus pais reagiriam? Eles me acolheriam ou não? É como? Mas o que posso explicar-lhes, como posso explicar-me, já que fui obrigado a permanecer em silêncio? Eu disse a mim mesmo que toda a família provavelmente se alinharia com a atitude [silenciosa] de meu pai" (SEEL, 1994).

"Notei que,
apesar das minhas expectativas,
apesar de tudo o que eu tinha imaginado,
a emoção do tão esperado retorno,
"a verdadeira Libertação era para os outros".
(SEEL, 1994).

A conduta dos nazistas era expor e humilhar as pessoas na frente de seus familiares e amigos com o objetivo de isolá-las e enfraquecer suas vozes e credibilidade, para que não ousassem falar sobre os estupros coletivos, obscenidades e promiscuidades ali perpetrados. Para agravar o mutismo familiar, sabe-se que, no caso dos homossexuais, mais especificamente, também havia a angústia de não poder contar tudo o que de fato aconteceu devido à lei vigente (ELÍDIO, 2010).

Sua mãe entendeu que Seel precisava desabafar, e por isso insistiu para que ele falasse. Então, depois de um tempo, ele contou para a mãe tudo o que tinha passado, pois ela estava prestes a morrer (ELÍDIO, 2010).

[...] Um dia, ao dizer boa noite,
ela me pediu de novo.
Voltei a acender a luz,
Eu falei, falei, contei vários fatos para ela,



a morte do meu companheiro
na minha frente
e tudo [...] (SEEL, 1994).

No entanto, não conseguiu verbalizar um segredo grotesco para a mãe (ELÍDIO, 2010):

"Por um lado, no entanto,
Não consegui encontrar palavras:
meu estupro pelos nazistas
na sede da Gestapo"
(SEEL, 1994).

A vigilância policial que existia antes da guerra e a subsequente perseguição aos homossexuais durante o nazismo contribuíram para gerar esse medo e dificuldade em falar. Mas um grande fator que contribuiu para isso foi a questão das leis contra homossexuais que ainda estavam em vigor. Portanto, as vítimas homossexuais sentiam-se inseguras para contar suas verdadeiras histórias, por medo do estigma e de possíveis ações judiciais, e, por isso, as omitiam, ou mesmo mentiam (ELÍDIO, 2010).

"O testemunho dos homossexuais
Foi, portanto,
socialmente inaudível,
impossível e perigoso".
(ELÍDIO, 2010).

Décadas depois, testemunhar gerou alívio, por ter se libertado desse pesado segredo e consequente mudança de percepção em relação a si mesmo. Poder testemunhar Pierre Seel (sozinho – N.A.). Assim, também contribuiu para esse coletivo homossexual, levantando a questão da visibilidade, memória e reconhecimento desse grupo, só reconhecido como vítima do nazismo em 2000 (ELÍDIO, 2010).

Essa opção individual de revelar o segredo só é possível (com raras exceções) pela existência do contexto social e cultural criado pela "cultura gay" e pela possibilidade de "contra-socialização" que ela estabelece (ERIBON, 2008, p. 134 In ELÍDIO, 2010):

"Escolhendo a si mesmo
abre-se para uma nova temporalidade:
É todo o futuro que se vê mudado."
(ERIBON, 2008, p. 134).

Seel rompeu com a permissão e concessão para dar poder ao que fazia e continuou a fazer-lhe mal, com o que o intoxicava. Abriu-se, assim, uma ampla possibilidade de discussão, de diferentes autores. Quanto ao poder e à dor, Michel Foucault tem a palavra.

O filósofo Michel Foucault menciona um estudo baseado no monitoramento do poder, ao qual se opõe, pois desumaniza os seres humanos e visa rebaixar os outros. Nesse sentido, não temos poder

uns sobre os outros. Quando Foucault (2013, a) explica as relações de poder, ele cita a experiência que os indivíduos têm de exercer sua liberdade, relatando que, quando não há essa consciência, não há relação de poder.

É pertinente ressaltar que a antiga noção de poder estava ligada à manipulação de um indivíduo sobre outro. Esse tipo de poder, do ponto de vista do poder para esse filósofo, não existe, pois, para ele, o poder está nas relações humanas (FOUCAULT, 2013, a).

Conclui-se que, se a estratégia for de desumanização, a consequência será a perda de poder daqueles que engendram os atos de desumanização porque, simplesmente, não há mais um humano. A reflexão de Foucault demonstra que o poder foi concebido como uma força de certos indivíduos, grupos ou instituições. As ações de poder foram admitidas como um estilo hierárquico. Ou seja, para haver uma hierarquia era necessário ter uma pirâmide de pessoas que seguissem a ordem e também a ordem ditada por práticas e valores na sociedade.

Resistir ou romper com essa ordem pode resultar em morte, em seus diversos aspectos (incriminação em crimes fabricados, rotulação com diagnósticos construídos de doenças psiquiátricas, sucessivas e variadas tentativas de privar essas pessoas de seu valor na sociedade).

Os termos "Homosexualität" e "homosexuell" foram as primeiras tentativas de descrever a orientação sexual. Com o tempo, tornaram-se parte do léxico internacional sobre sexualidade. Hoje são muitas vezes considerados depreciativos. No final dos séculos 20 e 21, as comunidades LGBTQIA+ desenvolveram e desafiaram essa linguagem (USHMM).

Como a comunicação ocorre com maior frequência por meio de palavras, deve-se ter o cuidado de conhecê-las em sua grafia e significado, a fim de utilizá-las da melhor maneira possível, evitando o risco da superficialidade da mera repetição de palavras cuja interpretação as pessoas não alcançam. Especialmente, quando se defende a cultura, o objetivo é logicamente afastar-se do "argumento da força", para que os argumentos se tornem válidos e, conseqüentemente, verdadeiros, estabelecendo diálogos honestos, naquela sociedade que está evoluindo.

Dessa forma, diferenciando o uso das palavras da mera agressão, o que só torna público o desequilíbrio, quando optam pela arena romana, com a manipulação das massas que culmina em uma luta sangrenta. Muito diferente, a cultura nos oferece a beleza de palavras bem colocadas e harmoniosas da arena grega, inteligentes, saudáveis e argumentativas sobre ideias.

A pensadora Hannah Arendt, em sua análise da filosofia política, diz que os prisioneiros nos campos de concentração eram indigentes, isto é, privados ou privados de algo, ou de autoridade (AURÉLIO DICIO).

Quando Arendt descreve mais tarde a normalidade da vida de Eichmann, no entanto, banalizando o mal dirigido aos coletivos envolvidos, ela destaca um ser privado de autoridade, mas também de discernimento. Privação temporária para sobreviver em meio ao que é sangrento e



inconcebível? Ou privação permanente, por não cuidar (ausência de afeto e discernimento)? Pelo que foi descrito, a demissão também é óbvia para os executores, seguidores da ordenação.

No entanto, o fato é que a perversidade inscrita durante a privação do afeto e do discernimento produziu consequências desastrosas que precisaram ser punidas durante o Julgamento do Século, em nome da verdadeira ordem social civilizatória (WIKIPÉDIA).

A homossexualidade era associada ao incesto e ao abuso infantil, sendo, portanto, criminalizada, pois se preocupava com a libertinagem moral e a promiscuidade daquela sociedade da época (WIKIPÉDIA). Esses problemas estão associados apenas à homossexualidade e a esse período? Mais notificados e notificados nos setores de epidemiologia, parece que não.

Durante a pandemia de Covid-19, o número de agressões sexuais sofridas por crianças e adolescentes por parte daqueles que desempenham o papel de pais, e dentro de suas próprias casas, cresceu exponencialmente. Basta procurar os boletins epidemiológicos nos países e no Brasil, observar quais cidades tiveram o maior número de boletins de registro de incidentes. A promiscuidade e a libertinagem permanecem no século 21, não têm sexo ou gênero específico e ocorrem dentro de casa. Atribui-se, inclusive, um gene específico, o receptor D4 de dopamina, para justificar tal comportamento. Será justificado?

Segundo o dicionário PRIBERAM, promiscuidade é a mistura confusa e desordenada de seres em um mesmo ambiente. Enquanto em AURÉLIO DICIO pode corresponder à convivência de pessoas diferentes em situações diferentes; confusão, desordem, miscelânea. Também se refere a relações sexuais (constantemente) indisciplinadas. Libertinagem.

Podemos encontrar uma mistura confusa e desordenada de seres em um mesmo ambiente, sem se restringir a uma natureza sexual, como por exemplo, em campos de refugiados de guerra, em assentamentos subnormais (sem sistemas de esgoto), em locais onde pessoas ambientalmente deslocadas são abrigadas ou mesmo aqueles que sofreram um acidente climático vivem temporariamente sob condições e ambientes promíscuos, não no sentido sexual, mas em condições higiênicas e habitacionais. Mesmo que haja relatos de abusadores nesses locais.

Entendendo a promiscuidade como confusão, então, mentes confusas, mesmo em redes virtuais conturbadas, podem então se tornar parte de redes tóxicas, devido à falta de higiene mental e boas práticas educacionais e de saúde mental durante esses contatos em rede.

Então... Vivemos um período violento e promíscuo?

Sabe-se que a luxúria muitas vezes acompanha o comportamento promíscuo. Além de fazer mau uso do tempo, leva ao baixo desempenho na produção, seja ele qual for. Fábricas e empresas, entre outras, precisam limitar o acesso à internet para que redes de pornografia não sejam acessadas durante o horário de trabalho, por exemplo. Que comportamento é esse? Resposta compensatória equivocada e exacerbada a uma falta? Falta?



Portanto, entende-se que, historicamente, a discussão sobre gênero aparece envolta em ambiguidade e silêncio devido a muitos fatores. Uma discussão intimamente associada às mulheres e à comunidade LGBTQIA+, na contemporaneidade tem sido demonstrado que os homens também permanecem muito desassistidos em seus problemas como um "homem coletivo" e não um "homem individualizado". Esse fato foi verificado ainda durante a elaboração deste texto, dadas as limitadas fontes existentes para o estudo de crimes perpetrados contra crianças de ambos os sexos, mulheres e, mais especificamente, a comunidade LGBTQIA+, e sobre o perfil desses homens. Mesmo quando o tema escolhido foi a violência perpetrada pelo nazismo, algo mais bem documentado devido aos escândalos que impactaram a humanidade até hoje e até mesmo aqueles apelos incontroláveis ao sexo que se repetem facilmente hoje em dia, onde são flagrados.

Trata-se de uma observação simples, porém relevante quando se pensa em comunicação ética em saúde e políticas públicas para as questões de gênero, uma vez que são elaboradas com base em registros demográficos e dados epidemiológicos. Estudiosos que continuam seus estudos têm procurado documentar as experiências desse período, utilizando registros policiais, judiciais e de campos de concentração (USHMM).

Outra observação são as repetidas tentativas de controlar o comportamento interferindo na sociedade hegemônica. Lembra-nos a tentativa de recuperar os degenerados nos campos de concentração e extermínio. Por degenerar queremos dizer deixar de possuir as características típicas de sua espécie. Passando para uma condição pior, inferior. Alterar o conteúdo de, distorcer, perverter, corromper, depravar, decair, afluência, desfigurar (tornar irreconhecível) (In AURÉLIO DICIO), estragar, adulterar (DICIONÁRIO PRIBERAM). Neste caso, desfigurar para desumanizar.

Contemporaneamente, devido às habituais distorções feitas em relação à orientação sexual das pessoas (a priori, aquelas consideradas degeneradas por não amarem o mesmo que o restante da sociedade), Fonseca, dos Anjos e Baldrighi (2019) buscaram desmistificar sociohistoricamente a palavra "promiscuidade" reivindicando-a como atributo importante nas relações e enfrentamentos dos corpos sociais, estigmatizados e marginalizados, simplesmente porque se encontram em múltiplas condições de subjetivação e expressão, sendo socialmente condenados por quebrarem o protocolo e o modelo ideológico do corpo moderno, colonial e burguês.

Como o Museu Norte-Americano da Memória do Holocausto (MUSMM) e a França mostraram em fotos e vídeos, o aumento da raça ariana visando o poder e a dominação, na prática significou uma ordem de limpeza/higienização racial/eliminação dos "outros": "os feios", "os deformados", "os porcos", "os degenerados", "os diferentes". Em outras palavras, na prática do terror sexual, os membros nazistas eram ou eram completamente misturados, intrometidos, promíscuos, interferentes, confusos - uns com os outros e com o que, de forma alguma, lhes dizia respeito (USHMM).



Mentes submissas, que cederam às suas próprias pulsões de morte, deixando de viver e realizar suas vidas. Num mecanismo projetivo recorrente (fazendo-os, por sua vez, expropriarem-se) invadiram, interferiram tentando ditar, subjugar e controlar aqueles outros (os feios, os doentes, os idosos, os homossexuais, os enfraquecidos, tudo por eles chamados de "mal"), toda a luxúria e brutalidade que não conseguiam controlar em si mesmos.

Na verdade, eles tiveram que passar por um julgamento internacional, e é interessante saber o significado jurídico de "intromissão". Significa participar ou expressar uma opinião sobre (algo) que não lhe diz respeito; ingerir, intrometer. Ou seja, reiteraram provas no território de condutas inadequadas, improdutivas e lesivas que foram rigorosamente punidas. Eles continuam sendo observados e investigados em diferentes países para que não voltem a acontecer.

Esse monitoramento internacional é uma tarefa muito facilitada com o advento da internet e das redes sociais, onde ingenuamente e despreparadamente pensam que podem se intrometer, e deixam inúmeras narrativas, que embora não sejam neonazistas, são muito parecidas e, por isso, consideradas feitas por apoiadores. Eles podem até estar sendo rastreados pelos serviços inteligentes de diferentes países ou sendo relatados, como é de costume em disputas de poder institucionais. Não interessado na verdade, continua-se, promíscuo, confuso, confuso, manipulado.

Ou seja, algumas táticas não mudam, elas permanecem ao longo do tempo, porque se a humanidade não se transforma, a história se repete.

Os LGBTQIAPN+ faziam parte do grupo dos chamados "degenerados" e eram intensamente perseguidos: espancados, deportados, estuprados em grupo e cobaias para experimentos nazistas. Exatamente sob essa alegação das instituições de poder, chamando-as de degeneradas e promíscuas, elas foram expostas socialmente a começar pela família e degradadas até a última instância imaginável (RFI In CARTA CAPITAL, 2022).

Em 2010, Tiago Elídio destacou em seu artigo, em síntese, a sistematização adotada e defendida pelo pensamento nazista para justificar a violência sádica dirigida a seus presos de diversas formas:

- Incentivo à humilhação pública;
- Repetidas agressões verbais, físicas e sexuais violentas;
- Exposição a condições degradantes e promíscuas;
- Desumanização perversa.
- Tentar produzir menos valor através da exposição de fatos verdadeiros (ou falsos) da pessoa para sua família ou de toda a sua família para amigos e vizinhos, visando romper laços de afeto quando deixar os campos;

Além de tudo isso, chama a atenção a ambiguidade presente nos diferentes símbolos usados e comunicados pelo nazismo, afetando parte da história da violência de gênero. Território de reflexão sobre a psicopatologia de Karl Jaspers sobre psicopatias, território psicanalítico, território dos efeitos



da anomia tratados por Durkheim. Território de apropriação indébita cultural, devido ao uso invertido da suástica, cujo significado simbólico correto, há cinco mil anos, tem sido bem-estar e boa sorte, e não pureza racial (USHMM).

Em "Hitler's Monsters", Eric Kurlander analisa a influência específica das ideias sobrenaturais que surgiram e as consequências da ideologia nazista. Ele argumenta que a invocação e apropriação de crenças esotéricas, pseudocientíficas e religiosas populares ajudaram o partido de Adolf Hitler a atrair apoiadores, desumanizar seus inimigos e perseguir suas ambições imperiais e raciais (KURLANDER, 2022).

O imaginário sobrenatural foi integrado à política e às teorias sociais de forma muito mais direta e onipresente. Muitas dessas figuras esotéricas passaram a esboçar conclusões políticas com base nessas crenças. Para o historiador Ondřej Bělíček – essas ideias também se enraizaram em um contexto sociopolítico particular – o que também é reproduzido em nosso próprio presente (KURLANDER, 2022). Os artigos deste autor trazem outros aspectos contemporâneos que são interessantes de conhecer.

Embora a resiliência fosse desprezada pela ideologia nazista, era justamente a resiliência que garantia alguns meios de sobrevivência para esses prisioneiros. No entanto, atrevo-me a pensar que não foi fácil para nenhum dos lados emergir, e ainda um pouco ileso, dos campos de extermínio e horror descritos por Arendt.

Se na primavera de 1945, os soldados aliados libertaram campos de concentração e prisioneiros, incluindo aqueles que usavam o triângulo rosa, o fim da guerra e a derrota do regime nazista não trouxeram necessariamente uma sensação de libertação para os gays. Eles permaneceram marginalizados na sociedade alemã. Muitos homens gays tinham medo de compartilhar seus testemunhos ou escrever memórias (USHMM).

No entanto, a comunidade conseguiu, ao longo do tempo, transformar o triângulo rosa invertido no triângulo rosa do Orgulho Gay, símbolo máximo da resistência do movimento LGBTQIA+ no mundo (JENSEN, 2002), presente em grupos históricos de resistência e luta, como o Act Up na luta contra a Aids na década de 1980 e pela visibilidade LGBTIQ+ (RFI In CARTA CAPITAL, 2022).

A transformação desse símbolo como gesto de resistência nos remete, em parte, à visão foucaultiana de poder, pois eles mantêm a consciência de não dar poder a quem na realidade não o tem. O fato é que, devido a uma enorme diferença de força e tecnologia (na ausência de uma palavra melhor), corpos foram comovidos e almas foram tocadas brutalmente, sucessiva e insequentemente, evidenciando a insanidade e a promiscuidade que permeiam tal ideologia. A deformidade era inerente ao espírito dos líderes, mas infamemente repetida pelo grupo de egos enfraquecidos ou quebrados.



Dentro de uma visão que se aproxima do que esse pensador construiu a respeito das relações de poder estabelecidas (FOUCAULT, 2013, a), há relatos de pessoas dessa comunidade que nunca lhes deram o poder ou a subalternidade que tentaram impor. Os resilientes indigentes acabaram privando seus algozes... - mais um mecanismo de defesa e altivez, cuja estruturação de personalidade lhes permitiu, apesar de presos, sequestrados, sequestrados, em condições de vilania, em termos de sua psique, lutar para não se deixarem capturar. Relatos gravados de judeus, opositores políticos, ciganos, entre outros (USHMM) estão disponíveis online. Há muito o que refletir e aprender com eles.

Foucault (2004 In 2013) argumenta, a respeito da problematização do sujeito, revelando-o como um "sujeito-sujeição", ou seja, sendo esse sujeito objeto de um processo incessante de subjetivação e submissão à teia de saberes e poderes ditados pelo contexto histórico e social, a partir de um lugar social afirmado...

O sujeito foucaultiano será, antes de tudo, um "revelador" de marcas históricas, de ideologias de dominação, de teses e antíteses, de tensões e reviravoltas feitas em cada época, visando disciplinar esse corpo e sua capacidade expressiva no mundo (FOUCAULT, 2004 In 2013).

Assim, enredado por uma teia de saberes e poderes, forte na produção de discursos, na dominação dos corpos, na objetivação dos modos de ser e de viver, objetiváveis e, ao mesmo tempo, subjetiváveis/subjetivantes, produzindo mecanismos de seleção, controle e exclusão, chama a atenção para um "sujeito tecido", ou seja, tecido pelo contexto histórico e social e pelo pensamento a partir do entrelaçamento de representações representacionais, fios relacionais e tecnológicos (FOUCAULT, 2004 In 2013).

Os prisioneiros dos campos de concentração, enquanto pensados como "sujeitos foucaultianos", no aspecto da permanência da livre subjetivação, questiono. Talvez os nazistas não tenham sido bem-sucedidos, diante de alguns prisioneiros, em torná-los "verdadeiros objetos" de sadismo e degeneração. Percebendo a altivez do outro que, apesar de tudo o que foi perpetrado, não o perdeu... E, por sua vez, os soldados por não acederem ao poder estabelecido na humanidade existente do(s) outro(s), de uma dignidade "reconstituída" repetidamente, garantida pelo processo de subjetivação diante das atrocidades, então, sentindo-se humilhados e impotentes, ultrajaram-nos a ponto de aniquilá-los.

Paradoxalmente, acabaram por libertá-los: pela morte imediata; para que os inúmeros refúgios mentais resistissem (dos quais, às vezes, não voltavam); e a falta de permissão interior para ser invadido e devastado, como já descrito na literatura (FOUCAULT, 2013, a).

No entanto, o tempo também é um bom remédio. Em algum momento, psiquicamente, alguns conseguiram "sair" dos campos de concentração, quando se libertaram dos impactos produzidos pelos intrusos e intrusos. Depôs-os, mais uma vez, desfigurando seus carrascos fantasmas.

Eles redirecionaram sua energia psíquica e, assim, deram força a seus instintos de vida e criatividade, não se submetendo à vingança (uma armadilha circunstancial, que os aprisionaria



novamente, irremediavelmente), mas dedicando-se a uma causa, à conquista de seus direitos. Rumo ao novo. Rumo à bondade saudável das construções afetivas. Rumo à vida.

Por outro lado, atrevo-me a pensar, repito, que era improvável que os nazistas, neste momento em questão, conseguissem escapar da promiscuidade de suas próprias memórias que os impressionavam, deixando-os "marcados". Os vivos, agora idosos, embora tenham espalhado a visão nazista em vários países quando fugiram, podem até ter permanecido presos no "terror do inferno", descrito por Hannah Arendt. Será que eles, um dia, conseguiram se superar?

Dessa forma, comunidades sensíveis aprenderam a ser fortes. E suas famílias também (LEVI, 1997; 2004).

A dor do campo de extermínio, as perdas na pandemia causadas pela Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), a violência dirigida contra eles, os suicídios, as mortes causadas pela pandemia do SARS-Cov-2, as guerras, entre outros, trouxeram a realidade nua e crua, pelo menos para eles, o quão urgente é amar e demonstrar inequivocamente esse amor aos seus filhos, sua família, seus amigos, construindo laços de afeto pela vida. Laços não se desgastam. São resistentes às verdades e também às mentiras. O verdadeiro poder é a liberdade ética: Potência! (SPINOZA, 1675 Em 1997).

É preciso aprender a língua do nosso país e interpretar a língua, pois ambas fazem parte da construção do senso crítico e do discernimento, voltadas para a escuta da singularidade e potência que emergem nos grupos sociais, por onde passa o cuidado em saúde coletiva (saúde coletiva).

Finalmente, entendo que a verdadeira conexão é conhecer a história e seu continuum histórico. Podemos falar de violência de gênero em diferentes fases da história da humanidade. Com o advento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS - 1982), como médico formado em 1986, tenho trabalhado com a questão de gênero desde então. Consequentemente, me deparei com violência e desprezo direcionados a grupos de mulheres independentes, LGBTQIAPN+ e profissionais do sexo. Desprezo reativo pela verdade de que a sociedade consome esses "produtos", localizados no final de todo um corredor social, na ponta visível do iceberg escondido.

Ao longo desse mesmo período, ocupado em ensinar e refletir sobre a ética e a sagrada relação "profissional de saúde e pessoa", em busca da singularidade da narrativa durante a anamnese e extremo respeito e cuidado ao realizar o exame físico, tocando o corpo físico desse sujeito imbuído de lembranças com amor, mesmo assim, em alguns casos extremos detectei hipocrisia, despreparo técnico e/ou violência sutil, exigindo providências. A lembrança dessas situações constrangedoras mostra o caminho das pessoas indo na direção exatamente oposta ao que todas as escolas médicas e de saúde recomendam, desde a época de Hipócrates.

Mais uma vez, o julgamento indevido pode comprometer o exercício ético da profissão e o juramento prestado. Muito se fala de amor, respeito e elegância da alma, em retórica cuja estética é sofisticada. No entanto, muitas vezes não são exemplificados. A autoilusão e a falta de contato consigo



mesmo retardam a retirada dos véus para o crescimento como ser humano e, por sua vez, para o desenvolvimento como sociedade.

7 CONCLUSÃO

Olhando a partir de trezentos e sessenta graus, entende-se que houve diferentes tipos de infortúnios e violências vividos desde a Segunda Guerra Mundial.

As demandas em saúde pública e políticas públicas são inúmeras, apenas nesse grupo, onde se discute gênero.

Mulheres e LGBTQIA+ têm suas próprias vozes poderosas. O homem cis parece ter força, mas sugere que ainda não tem voz. Ele também precisa de medidas específicas de acolhimento e educação em saúde.

O fato que não pode ser ignorado é a necessidade de lembrar e apresentar as circunstâncias históricas para tentar gerar consciência sobre a liberdade de ser e ser, de ir e vir, no século 21, a fim de possibilitar a transformação das condições de saúde em nível de coletivos e comunidades.

A história pode se repetir? Ou nunca deixará de existir?

É preciso respeito, afeto, discernimento, diálogo, noções de bioética principialista, para poder ampliar condições de dignidade e equidade nas áreas de saúde e educação visando desenvolver a competência cultural dos profissionais de saúde e de outras áreas da sociedade que trabalham com a questão da violência de gênero.



REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. *What remains of Auschwitz*. São Paulo, Boitempo, 2008.

ARBEX, D. *Brazilian Holocaust*. 4th ed. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

ARENDT, H. *Origins of totalitarianism*. Translated by Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *Between the Past and Future*. 2nd ed. Translated by Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1979.

_____. AGUIAR, O. A. et al. (Org.). *Origins of totalitarianism: 50 years later*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretariat of Culture and Sports, 2001.

AURÉLIO DICIO - ONLINE PORTUGUESE DICTIONARY. Available at: <https://www.dicio.com.br>

CAPITAL LETTER – RFI. 2022. *Holocaust Memorial exposes the hell of homosexuals in Nazi Europe*. Available at: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/memorial-do-holocausto-em-paris-expoe-o-inferno-dos-homossexuais-na-europa-nazista/>.

CROUTHAMEL, J. (2018). *Homosexuality and Comradeship: Destabilizing the Hegemonic Masculine Ideal in Nazi Germany*. *Central European History*. 51(3): 419–439. ISSN 0008-9389. DOI:10.1017/S0008938918000602³

DUARTE, A. *Thought in the shadow of rupture: politics and philosophy in Hannah Arendt*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2000.

ELÍDIO, T. *NAZISM AND HOMOSEXUALITY: The testimony of one of history's forgotten ones*. *LITERATURE AND AUTHORITARISM DOSSIER: Writings of Violence II*. Theory and Literary History/UFSM. 2010. ISSN 1679-849X. Available at: http://w3.ufsm.br/literaturaeautoritarismo/revista/dossie03/art_18.php

ESPINOSA, B. 1675. Ethics demonstrated in the manner of geometricians. In: Espinosa. BR, SP: Nova Cultural, 1997.

FELIZARDO, J.T.; DE OLIVEIRA, J.L. *Hannah Arendt's analyzes of concentration camps and their relationship with the "Brazilian Holocaust"*. *Mental*. v.11. n.21. Barbacena. Jul./Dec. 2017. Online version ISSN 1984-980X Available at: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272017000200009

FONSECA, J. H. M. DA; DOS ANJOS, D. F.; BALDRIGHI, T. *Multiplicities at School: A Demystification of Promiscuity in the Face of HIV and Different Body Models*. Presentation. VI NATIONAL EDUCATION CONGRESS. Publication Editora Realize, 12p. Available at: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA7_ID11228_03102019123301.pdf

FOUCAULT, M. *Discipline and Punish: history of violence in prisons*. Translated by Raquel Ramallete. 41. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. *History of Madness in the Classical Age*. Translated by José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2013a.



HANCOCK, E. (1998). 'Only the Real, the True, the Masculine Held Its Value': Ernst Röhm, Masculinity, and Male Homosexuality. *Journal of the History of Sexuality*. 8 (4): 616–641. ISSN 1043-4070. JSTOR 3840412. PMID 11620476

JENSEN, E.N. (2002). *The Pink Triangle and Political Consciousness: Gays, Lesbians, and the Memory of Nazi Persecution*. *Journal of the History of Sexuality*. 11 (1/2): 319–349. ISSN 1043-4070. JSTOR 3704560. DOI:10.1353/sex.2002.0008

LEVI, P. *Is this a man?* Translated by Luigi Del Rei. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *The truce*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

_____. *The drowned and the survivors*. São Paulo, Paz e Terra, 2004.

MICHELER, S. (2002). *Homophobic Propaganda and the Denunciation of Same-Sex-Desiring Men under National Socialism*. *Journal of the History of Sexuality*. 11 (1): 105–130. ISSN 1535-3605. DOI:10.1353/sex.2002.0011

MURPHY, M. (2017). *Homosexuality and the Law in the Third Reich. Nazi Law – From Nuremberg to Nuremberg*. [S.l.]: Bloomsbury Academic. pp. 110–124. ISBN 978-1-350-00726-0

NEWSOME, W. J. (2022). *Pink Triangle Legacies: Coming Out in the Shadow of the Holocaust*. [S.l.]: Cornell University Press. ISBN 978-1-5017-6549-0

OLIVEIRA, J. L. de. *Totalitarianism versus the Foundation of Political Freedom in the Thought of Hannah Arendt*. In: CARVALHO, José Mauricio de. *Power and Morality: totalitarianism and other anti-liberal experiences in modernity*. São Paulo: Annablume, 2012. p. 167-188.

PRIBERAM DICTIONARY OF THE PORTUGUESE LANGUAGE. Available at: <https://dicionario.priberam.org>

SCHECK, R. (2020). *The Danger of "Moral Sabotage": Western Prisoners of War on Trial for Homosexual Relations in Nazi Germany*. *Journal of the History of Sexuality*. 29 (3): 418–446. DOI:10.7560/JHS29305

SEEL, P. *Moi, Pierre Seel, déporté homosexuel*. Paris, Éditions Calmann-Lévy, 1994.

SEIFERT, D. (2003). *Between Silence and License: The Representation of the National Socialist Persecution of Homosexuality in Anglo-American Fiction and Film*. *History & Memory*. 15(2): 94–129. ISSN 1527-1994. DOI:10.1353/ham.2003.0012

SOUKI, N. *Hannah Arendt and the Banality of Evil*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

STEINWEIS, A.E. (2017). *Art, Ideology, and Economics in Nazi Germany*. [S.l.]: University of North Carolina Press. ISBN 9780807864791

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIUM MUSEUM - USHMM. Link: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/gay-men-under-the-nazi-regime>.

VARRICCHIO, M.C.B.N. Registration by Content for postgraduate course unit *strictu sensu* UFRJ: Tiago Elídio. NAZISM AND HOMOSEXUALITY: The testimony of one of history's forgotten people.



LITERATURE AND AUTHORITARISM DOSSIE: Writings of Violence II In SEIVA – Magazine supporting the SAPB-LIPAT/FF/DAC/UFRJ Project. v7, n2. Nov 2023.

VARRICCHIO, M.C.B.N. Crimes of Violation against Humanity: The thoughts of Hannah Arendt. SEIVA – Magazine supporting the SAPB-LIPAT/FF/UFRJ Project. Nov 2023a. v7 n2.

WACHSMANN, N. (2015) [2004]. *Hitler's Prisons: Legal Terror in Nazi Germany*. [S.l.]: Yale University Press. ISBN 978-0-300-22829-8

WEINDLING, P. (2015). *Victims and Survivors of Nazi Human Experiments: Science and Suffering in the Holocaust*. [S.l.]: Bloomsbury Academic. ISBN 978-1-4411-7990-6

WIKIPEDIA. Link: https://pt.wikipedia.org/wiki/Homossexuais_na_Alemanha_Nazista. Último acesso em 18/01/2024.